



Universidade: presente!

UFRGS
PROPESQ

XXXI SIC



21.25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

A RACIALIDADE COMO FORMA DE CONTROLE DO CORPO NEGRO

Francielly Muria dos Santos ¹ Henrique Caetano Nardi ²

1. Autora: Graduanda do curso de Serviço Social e bolsista de iniciação científica na pesquisa Racismo, relações de saber- poder e sofrimento psíquico do Departamento de Psicologia Social.
2. Orientador: Professor do Programa de Pós- Graduação em Psicologia Social e Institucional. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX) e do Centro de Referência em Direitos Humanos: Relações de Gênero, Diversidade Sexual e Raça (CRDH) do Instituto de Psicologia da UFRGS.

Introdução: Derivado das análises do material produzido na pesquisa Racismo, Relações de saber-poder e sofrimento psíquico, o presente ensaio tem o propósito de abordar a racialidade como forma de controle do corpo negro. Buscamos aqui problematizar as respostas em relação à violência policial respondida por usuárias (os) negras (os) e brancas (os) do Sistema único de saúde das cidades de Porto Alegre e Pelotas.

Metodologia: Análise dos dados de violência policial coletados na pesquisa a partir do instrumento elaborado por BASTOS (2010). E na revisão bibliográfica realizada a partir dos descritores: "violência policial" e "racismo" e os dispositivos de racialidade e necropolítica nas plataformas SciELO e portal CAPES, a partir de 2005.

Resultados: Diferença nas respostas sobre o medo de violência policial entre famílias brancas e famílias negras usuárias do SUS, (48,1%; 24,1%), respectivamente, referente aos seus jovens. Os nove estudos encontrados, no campo da sociologia, demonstram que a filiação racial é determinante na violência policial. Achille Mbembe (2018) pressupõe em seu ensaio "Necropolítica" que a expressão máxima da soberania reside no poder e na capacidade de ditar quem deve viver e morrer. A racialidade é usada a favor da lógica do biopoder e do poder soberano combinados. Este dispositivo proposto por Sueli Carneiro (2005) proporciona a compreensão da atuação dos sujeitos sociais a partir da instrumentalização de suas intervenções.

Considerações Finais: Apesar da população negra representar 18,6% da população gaúcha, a sina de morrer e o medo da morte são sustentados pela estrutura racial. Esta opera através da segunda dimensão da racialidade " os processos de produção de vitalismo e morte informados pela filiação racial".